

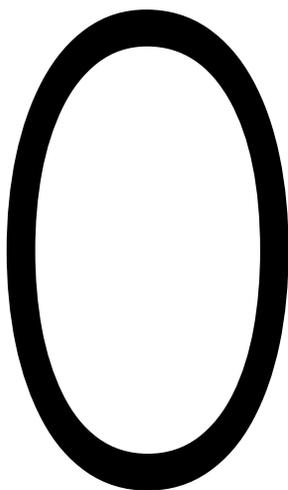
arte



LUGARNENHUM

MANUEL REIS

MANUEL REIS, A ARTE DO



mundo não pode ser explicado pelas palavras, tampouco pelas imagens. Mas alguns aventureiros se lançam a uma visão de conjunto pelo estudo do modo comparativo. Como astronautas sem peso – ou dançarinos do espaço –, pautam-se pela simultaneidade dos detalhes urbanos ou naturais diante da amplitude infinita. Justaposição de dois mundos ou um só? Escritor e fotógrafo, Manuel Reis habita os lugares que avista entre a sua câmera fotográfica e o telescópio. Admite que sua arte é centrar a consciência num único objeto e criar um espaço que permita o (re)conhecimento.

Português da aldeia de Castelãos, seus livros de cabeceira são as obras completas de Fernando Pessoa e Jorge Luís Borges. A eterna saudade de sua terra faz com que não habite lugar algum, apenas procure descobrir as estrelas dentro de si. Contador de histórias, exercita-se criativamente para sair da mente trivial e buscar a inteligência intuitiva. A atenção em relação ao espaço e ao ambiente que o cercam é fundamental. Contraditório, ama os felinos domésticos, fonte inspiradora pelo estado de presença e não dispersão.

“O mundo é, e sempre será, maior que qualquer representação, inclusive a fotografia”, explica o autor. Neste ensaio, o uso da prática fotográfica fomenta uma análise crítica sobre o próprio objeto fotografia. Desde o seu surgimento, a câmera escura instalou o hábito da percepção estática – ou dinâmica – sob o prisma de testemunho em recorte espaçotemporal. Ou seja, uma tecnologia voltada à informação e memória. A mutação promovida pela tecnologia digital fragiliza a estabilidade desse terreno sagrado? E coloca em xeque toda a teoria em torno do processo fotoquímico?

Esse fotógrafo-pesquisador constrói discursos sobre pareceres que não visam esgotar as possibilidades de interpretar, mas articulam relações e especificidades identificadas a partir da observação pelo contato direto com a dimensão material. A fotografia é, em sua essência, resultado do ato de olhar. E guarda, no registro estético e significativo, tanto o caráter sintético da verdade quanto o polissêmico da ficção. O exercício de “farejar”, vasculhando o ambiente com a intencionalidade de esmiuçar situações cotidianas, é o condutor das reflexões que resgatam a imagem como descoberta de um mundo mais sutil e da valorização do vir a ser. Surpreende a expansão de sentidos de suas legendas que, ao deslizar do sentido óbvio, toca direções fugidias-inusitadas.

Manuel Reis explica que a proposta desse ensaio procura a síntese para a narrativa poética. “LugarNenhum nasceu da necessidade de representar viagens para locais imaginários, muito longe dos turismos do mundo conhecido e fisicamente alcançáveis. São análogas às imaginações, subjetivamente focadas nas leis da representação gráfica e visual, mas sem a necessária concordância com a realidade objetiva”.

Mais do que os avanços tecnológicos da era virtual, é a crise da sociedade global que busca reencontrar o equilíbrio no sentido da sustentabilidade e do humanismo. O amor aos seres vivos é o clique desafiador do momento. É por isso que Manuel Reis endossa o escritor Gabriel García Márquez: “Creio que todavia não é demasiadamente tarde para se construir uma utopia que nos permita compartilhar a terra”.

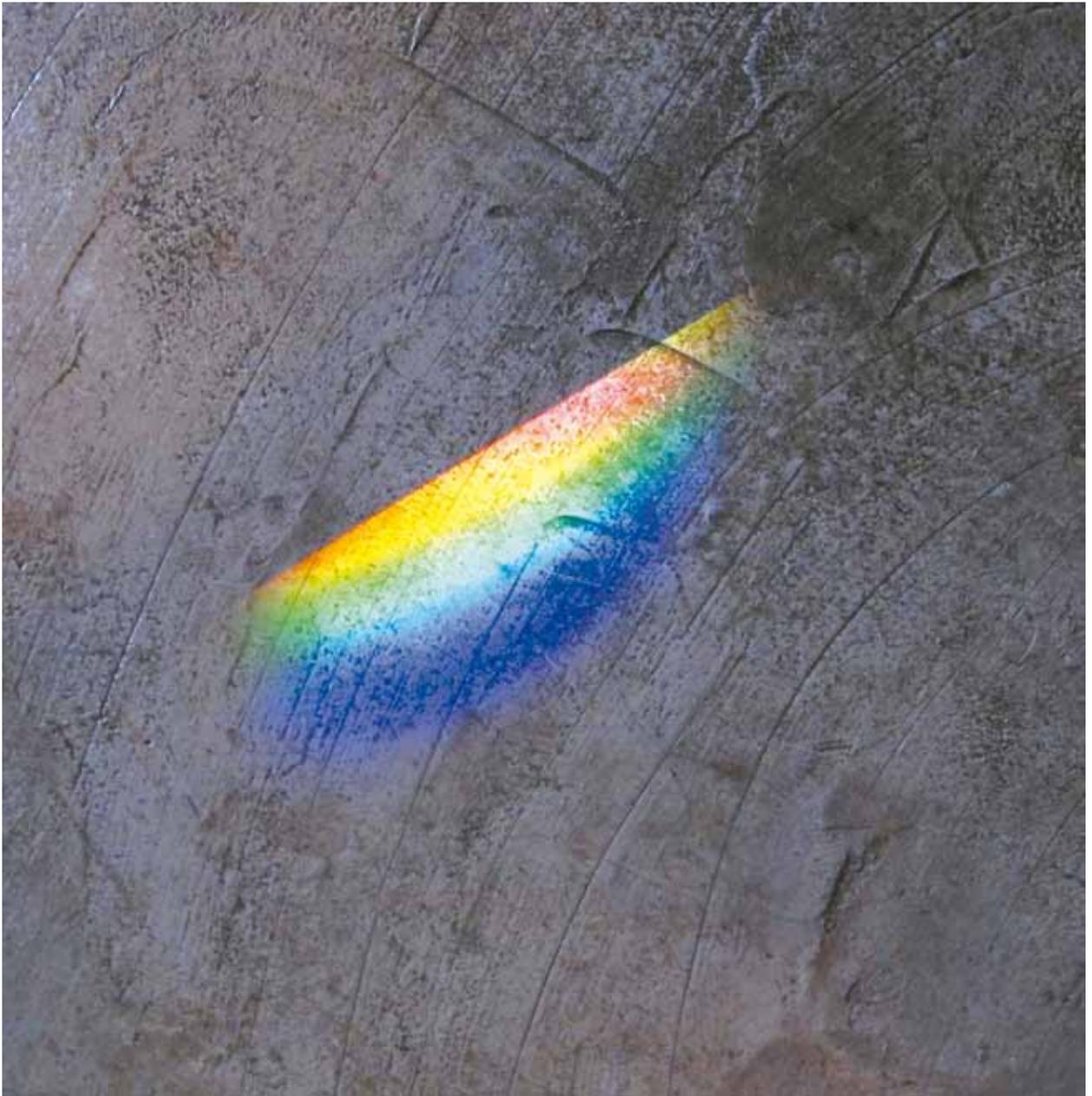
Atilio Avancini

MANUEL REIS é fotógrafo, produtor gráfico e professor universitário.



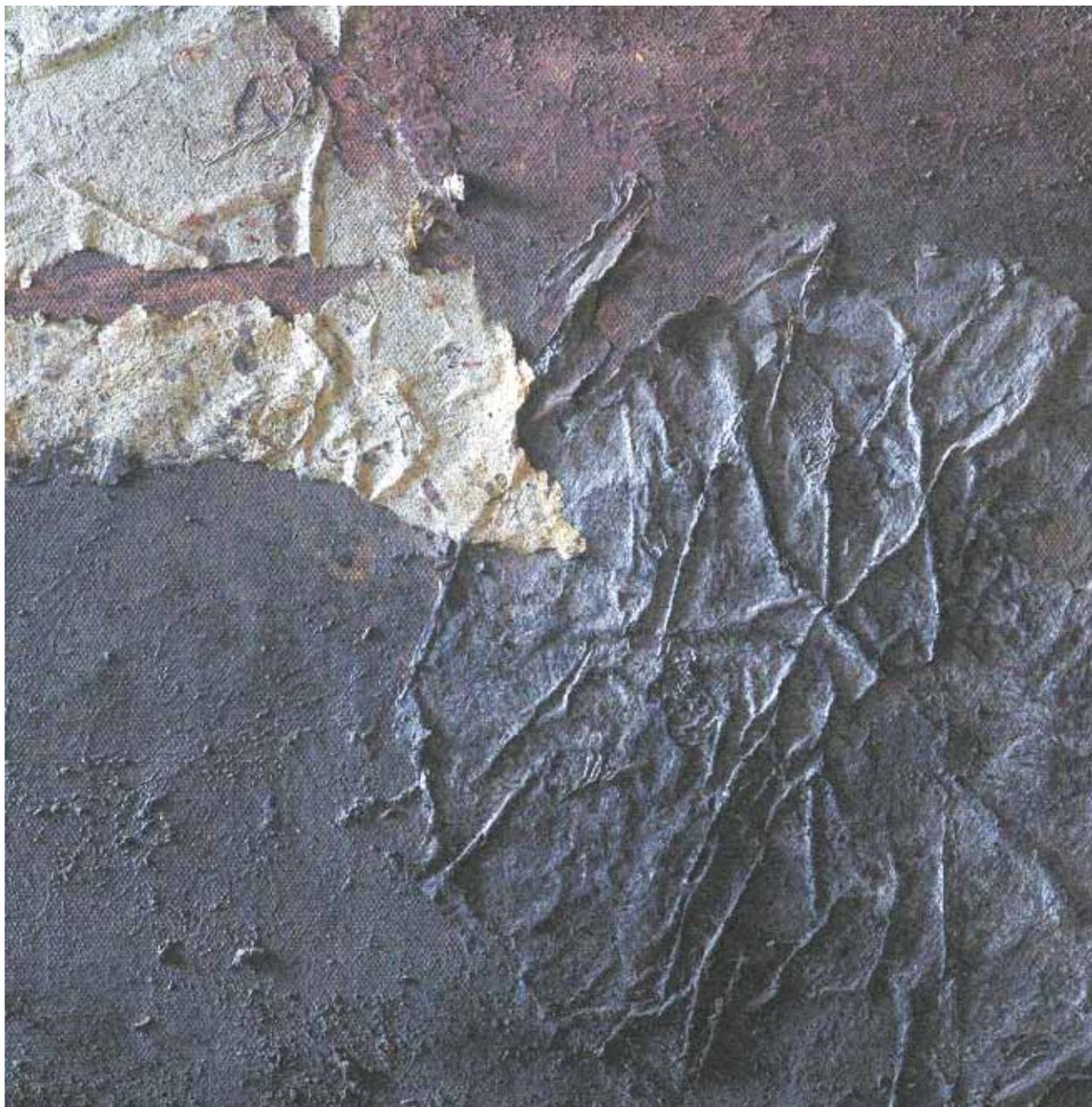
Pouco sabemos o que há por trás da aparência enganosa das coisas. Chamamos de realidade a percepção possível para a mente humana, sabidamente incapaz de resolver ou aguentar toda a complexidade do universo. Vez por outra, o desconhecido ou o mistério nos espreita de algum lugar. Ou de lugar nenhum.





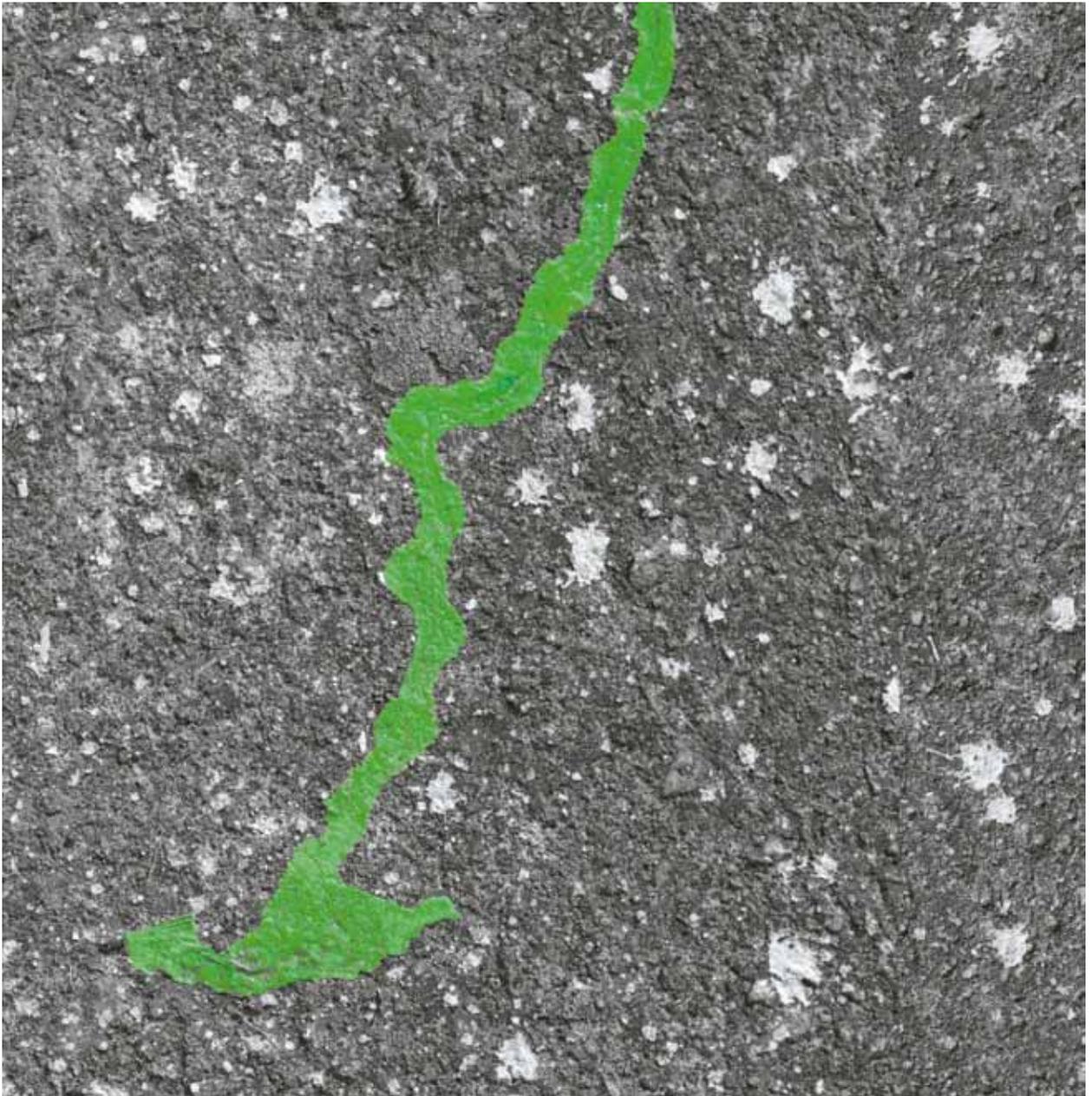
Aqui já foi a Terra dos Deslumbramentos. Viajava-se para cá através do antigo leito de um lago salgado. Três luas e três sóis guiavam os viajantes para perto do arco-íris. E só. Não havia mais nada para se fazer, a não ser brincar com os pequenos prismas que trazíamos nos bolsos.





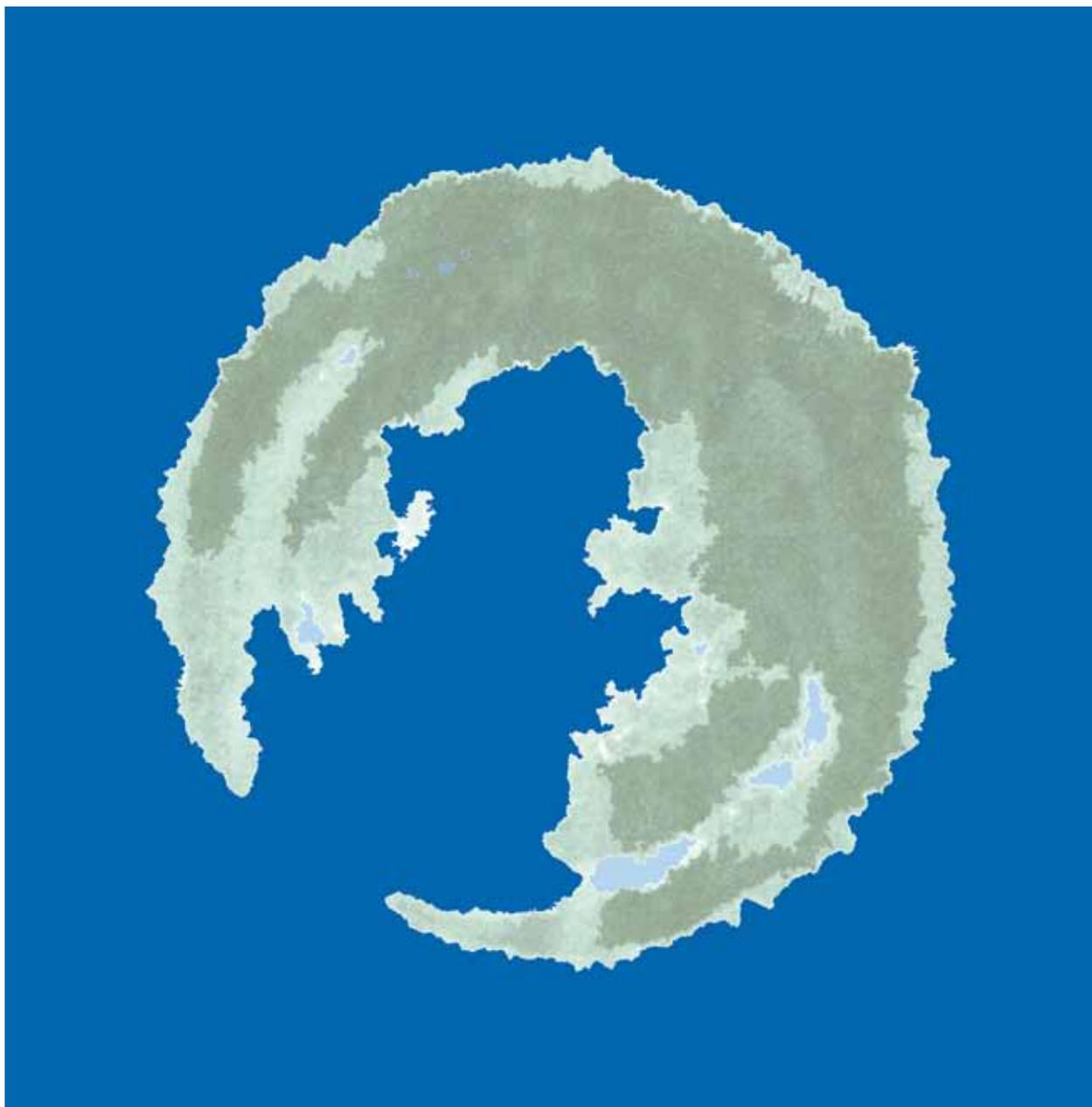
O Reino das Pedras Gigantes permaneceu muito tempo inacessível ao resto do mundo. Não havia estradas. Não era possível sequer construí-las. Trilhas de animais perfaziam um labirinto rochoso, áspero, onde até os guias mais experientes, vez por outra, se perdiam. Quando isso acontecia, recorriam a um velho companheiro dos viajantes solitários: o eco. O terreno, propício a tais fenômenos sonoros, facilmente transmitia a longas distâncias os pedidos de socorro. E assim ia-se vivendo.





O Rio Verde, ou Rio das Esmeraldas, como também é conhecido, desaparece no sumidouro que fica na base do paredão calcário, logo após o limite dessa fotografia. Nunca mais será visto. Estranho, não é?





O Atol dos Beberões, com suas florestas e depósitos de guano, emergiu para a superfície gráfica a partir das marcas deixadas por um copo de cerveja sobre o guardanapo. O que aqui se mostra, portanto, pode ser a geografia imaginada por alguém levemente alcoolizado e minimamente criativo, ou minimamente alcoolizado e levemente criativo. Tanto faz. O importante é que o copo ficou vazio.





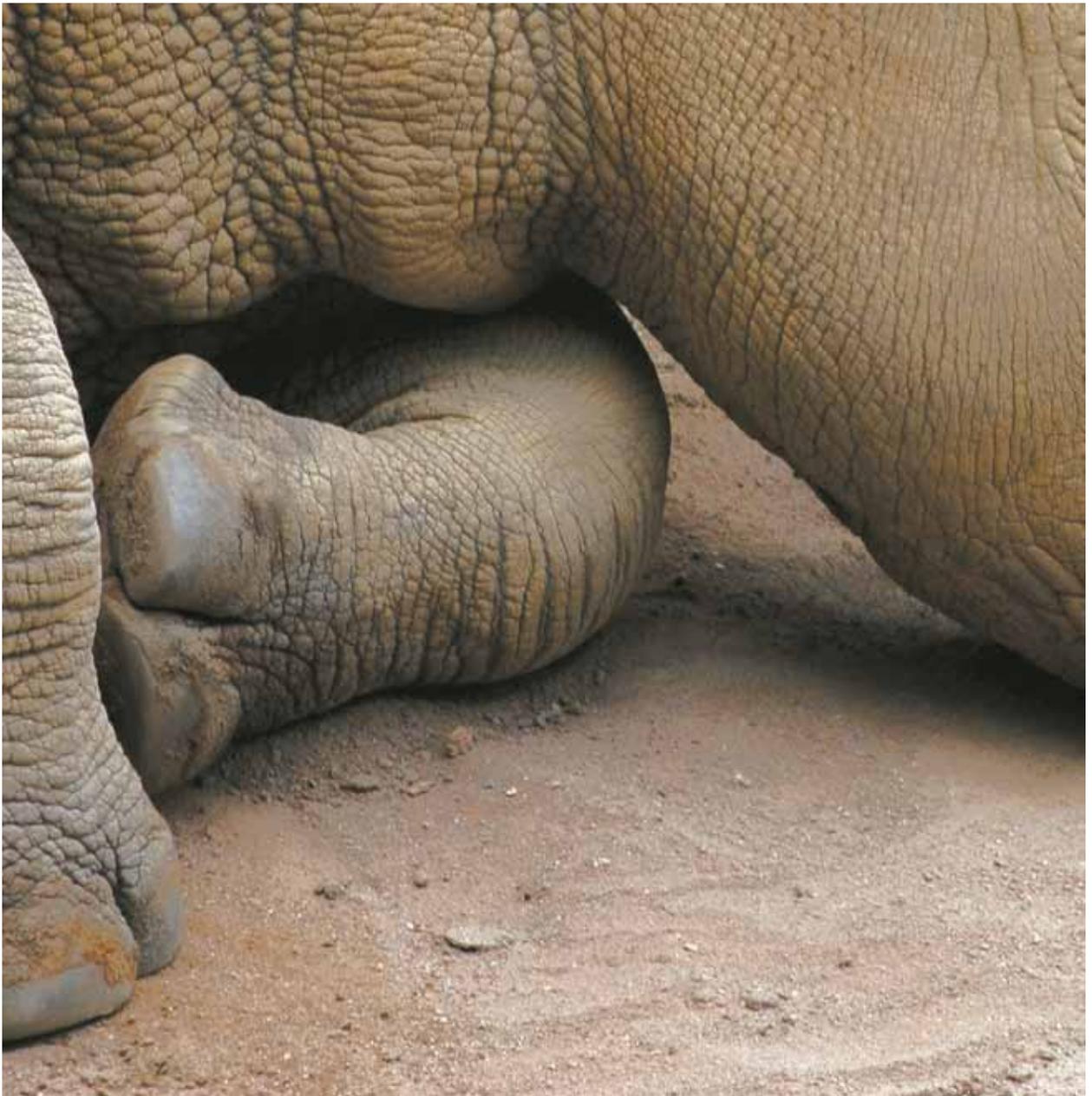
O *Felis silvestris catus* habita o planeta Terra, todo ele.
É uma curiosa espécie de mamífero, pequena e afável.
Dizem que despreza o dono e escolhe sempre permanecer
onde mora, isto é, em qualquer lugar ou em lugar nenhum.





A Cidade dos Sonhos fica em algum lugar do País dos Sonhadores, que ninguém sabe exatamente onde é. Parece estar sempre em movimento, além do horizonte das possibilidades concretas, envolto em nuvens permanentes, ou sendo parte delas. Sabe-se que a população flutuante do país é composta por muitas etnias, sem qualquer padrão etário ou social. A propósito, não se conhece o perfil econômico da nação. Dizem que lá existe um próspero mercado de sonhos. Abre todos os dias e a qualquer hora pode-se entrar para sonhar. Gratuitamente.





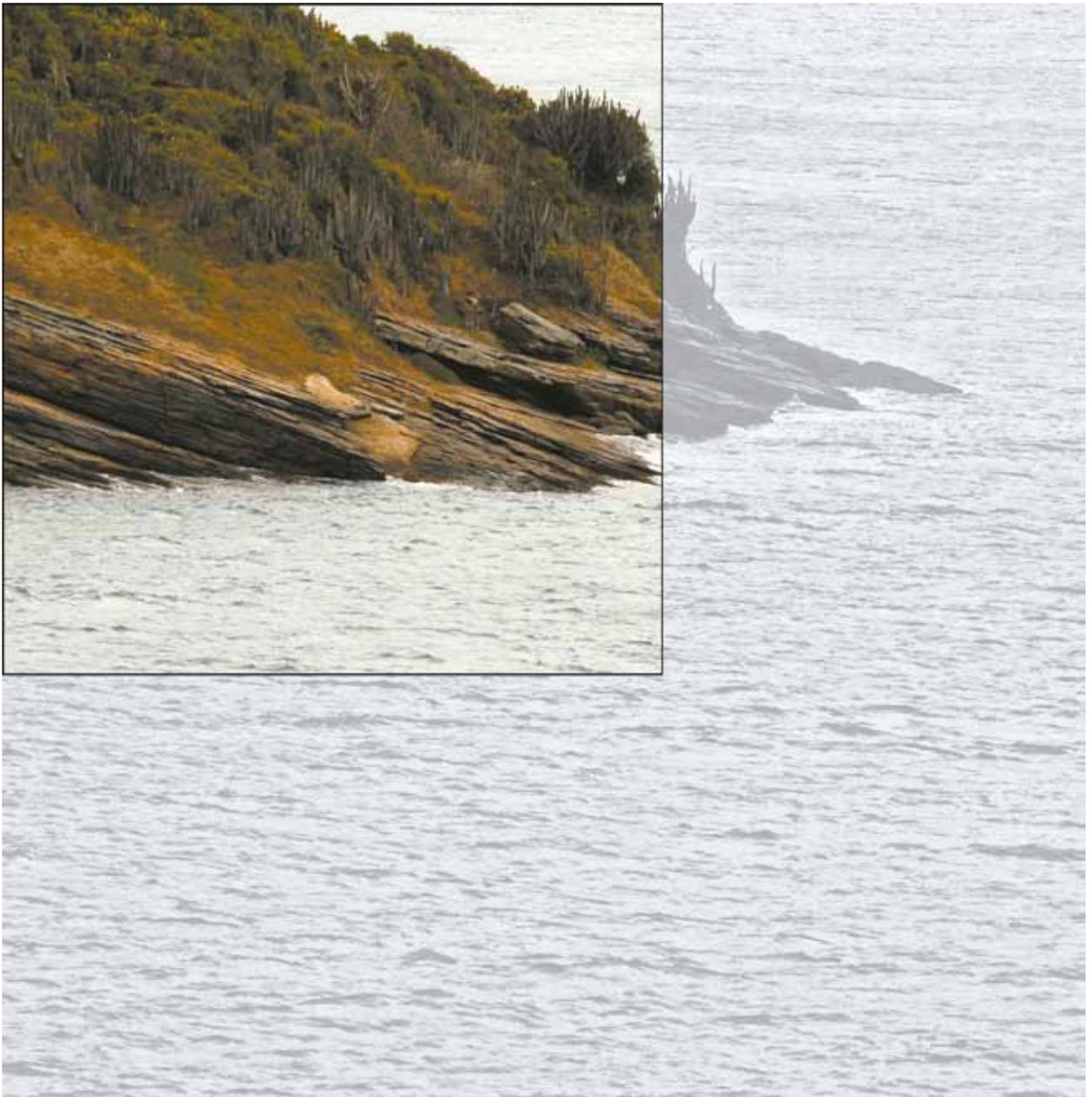
Do primeiro animal, Albert Dürer desenhou o rinoceronte. Nunca se tinha visto um. E tampouco ele o havia visto. Era o ano de 1515, e o trabalho ficou famoso até 1579, quando chegou à Europa o segundo animal. Era falsa, logo se viu, a interpretação do artista. Mas não importa. Todos os rinocerontes poderiam ser como o primeiro.





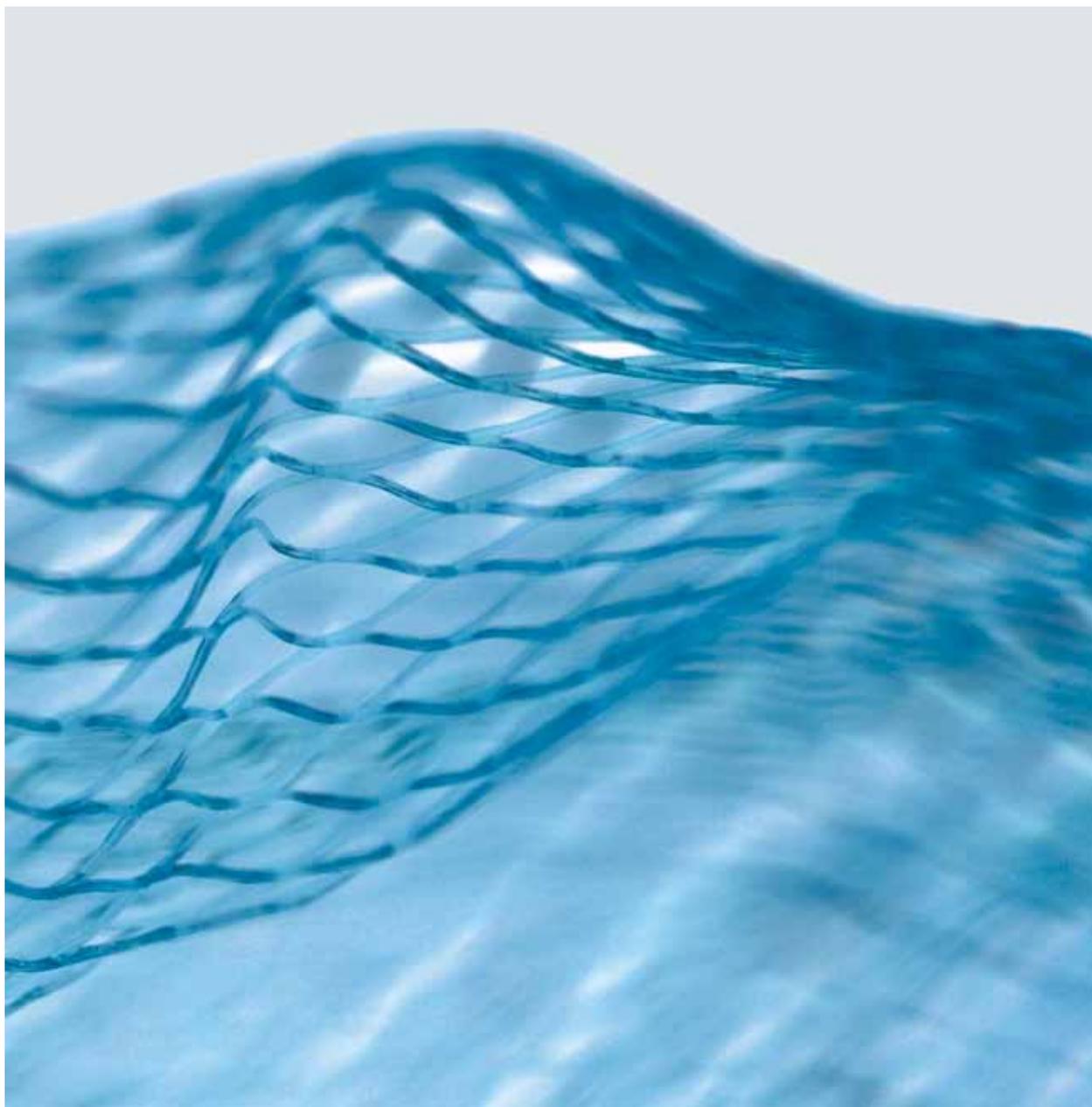
Alegraram-se escrevinhadores e tabeliães com a descoberta da fórmula para a tinta infinita. O tão surpreendente conteúdo necessitaria, porém, de um continente não menos fabuloso, a caneta absoluta. Escritores e cronistas talvez tenham encontrado o secreto objeto dos prazeres, muitos pensaram. Infelizmente, a literatura acaba e a vida também. Sempre restará a caneta absoluta. Ela aguardará, na obscura solidão das gavetas, por novas histórias e outra mão que a gaste. Inutilmente.





Finlândia não foi um país, tampouco lugar geográfico. O nome sugeria o vago mistério das mitologias nórdicas, evocava as grandes distâncias para uma terra terminal, o fim-do-mundo, talvez. O nome foi sonhado certa manhã, na adolescência daquele menino. Queria se fazer poeta ou escritor, e acabou sendo apenas alguém que não esquece um sonho. O nome poderia ter começado um livro, mas jamais foi escrito. É quase um velho, aquele menino. Mas Finlândia o inspira, ainda.





Quando alcançam o mar,
os rios vão para onde
eles querem.

